

Apresentação

L'*Enfant dans la Langue* (doravante *EdL*) é organizado em duas partes. A primeira parte oferece um panorama dos trabalhos e dos relatos sobre o uso linguístico infantil desde o século XVI até os dias atuais. A segunda parte apresenta alguns dos resultados obtidos pela pesquisa de *corpus* longitudinal desenvolvida pela autora e sua equipe junto a três crianças francófonas com idade inicial de um ano e seis meses (1;06). A metodologia de coleta, a transcrição e a notação dos dados seguem os parâmetros do projeto CHILDES. Os temas investigados são o uso de elementos gramaticalizados, a dêixis, a predicação, o uso de determinantes e o surgimento do uso preposicional.

Discorrei sobre as duas partes do livro separadamente. Alguns comentários pessoais serão apresentados ao final da resenha. Os comentários endossam a proposta da autora, que reconhece a importância da metodologia de *corpus* e do tratamento quantitativo para a compreensão dos dados referentes à fala infantil.

1. Primeira Parte: Primeiros ensaios, observações e análises

A primeira parte do *EdL* elenca uma série de relatos sobre o uso linguístico infantil deste o século XVI até o advento do projeto CHILDES nos anos 1980². De forma mais ou menos detalhada, são citados os trabalhos de 20 autores, tais como Taine, Darwin, Guillaume e Piaget. Os trabalhos citados têm em comum o fato de as crianças informantes serem filhos ou filhas dos pesquisadores. Obviamente não há isenção na coleta desses dados. Mesmo assim, os relatos e os comentários sobre *como* e *em quais situações interlocutivas* as crianças começam a usar palavras e a produzir sentenças anunciam uma vasta agenda para pesquisas e discussões conceituais que eram até então latentes e, provavelmente, inibidas pela bizarra proibição dos estudos sobre a origem da linguagem proclamada pela Academia Francesa de Linguística em 1866. Resulta desse "abrir de olhos" a rica associação entre a aquisição da linguagem, a evolução das línguas e o surgimento da linguagem, ela própria.

A título de ilustração: a autora discorre sobre a pesquisa realizada pelo filólogo francês Oscar Bloch. A partir de observações feitas sobre a fala de seus três filhos desde os primeiros meses de vida, Bloch publica os artigos "Les premiers stades du langage de l'enfant" (1921) e "La phrase dans le langage de l'enfant" (1924), nos quais são elencados comentários sobre o efeito da fala dos adultos na fala infantil; sobre o uso de palavras com funções discursivas amplas, e sobre formulações frasais

*Professor Adjunto do Curso de Letras; UFVJM.

¹MOGENSTEM, Aliyah. **L'enfant dans la langue**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2009; 252 páginas.

² As referências dessas e das demais pesquisas citadas pela autora se encontram no livro.

não-segmentadas, como “yé” [< “ça y est”] (em port.: *aqui está*) que deveriam ser compreendidas, afirma o filólogo, como construções proto-sintáticas de uso infantil e não como palavras infantis. O que à época propôs o autor seria hoje nomeado como *Holofrases*, como *Construções* e como *Unidades Simbólicas*, de acordo com o caso. Nesta primeira parte ainda, a autora descreve o início das pesquisas feitas com coleta de dados de forma mais controlada. O livro lista os seguintes trabalhos

- a) Braine (1963), que estuda crianças com idade entre 19 e 23 meses;
- b) Miller e Ervin (1964), que registra a fala de duas crianças com 1;9 e 2;0 anos durante 24 meses;
- c) Bloom (1970), que observa a fala infantil em sessões semanais de duas horas;
- d) Brow (1973), que relata a evolução da fala de três crianças desde as primeiras palavras até a idade de 3 anos.

2. Segunda Parte: observações empíricas

2.1. Apresentação da pesquisa

Os relatos e comentários da segunda parte do livro são resultado de pesquisa longitudinal desenvolvida por dois anos com três informantes com idade inicial de 1;00 (lê-se; um ano e zero meses). As gravações foram feitas em vídeo; o que permitiu a incorporação de elementos peritextuais nas análises propostas. As transcrições foram feitas de acordo com os padrões CHAT e conferidas por um pesquisador externo à equipe que fez as gravações. Por exemplo, quando ocorre a forma [kɔ], se faz necessário o uso dos elementos contextuais para saber que a palavra usada era *encore* (em port.: *ainda*) e que se expressava o desejo de comer um outro biscoito. Assim, esta ocorrência foi anotada da seguinte forma:

*CHI:encore

%pho: kɔ

%sit: a criança quer comer um outro biscoito

A primeira linha coloca em formato convencional a palavra produzida pela criança, ***CHILD**, a ser reconhecida pelo software de contagem. A segunda linha anota a forma foneticamente realizada. E a terceira indica os elementos situacionais necessários para a interpretação do enunciado. Morgenstern ressalta a importância da linha **%sit** para o reconhecimento e interpretação das ocorrências, porque as crianças estudadas produzem palavras mono ou dissilábicas e ainda com instabilidade fonética. Por esse motivo, também compõem a transcrição as anotações sobre elementos referentes ao olhar, **%reg** (em francês: *regard*); à ação dos interlocutores, **%act**, e aos gestos, **%gpx**, dentro outros.

Para a análise dos dados anotados, a autora toma como base os postulados da teoria cognitiva, contrapondo-se “à tese clássica da teoria gerativa [...], segundo a qual, só se pode adquirir línguas em um módulo [cognitivo] específico, o “órgão mental” (p. 99). Em termos sumários, a autora observa que participam do processo de aquisição da linguagem (parece-me melhor a expressão “amadurecimento da linguagem”) uma série de elementos relacionais como a fala dos pais, o ambiente social no qual se encontra e o amadurecimento cognitivo em consonância com o amadurecimento linguístico (cf. Tomasello, 2003).

2.2. Observações feitas a partir da análise dos dados

Em tópicos, listo algumas observações propostas pela autora que associam os dados obtidos e elementos relativos ao amadurecimento linguístico infantil.

a) gramaticalização e aquisição: o uso de marcadores gramaticais a partir de 2;03 se justifica pela incorporação de tais formas, como as preposições por exemplo, estimulada pela interação com interlocutores adultos;

b) categorias emergentes: a criança é muito “sensitiva à fala direcionada a ela” (p. 112) e por isso emergem em seu uso imediato categorias temporárias, como o uso de formas regulares onde não há, algo como *eu fazi* no lugar de *eu fiz*. Com o passar do tempo, essas categorias emergentes serão abandonadas ou transformadas.

c) dêixis infantil (em francês: *pointage*): quando a criança aponta para algum objeto e partilha o olhar do adulto “[ela] efetiva sua primeira operação comunicativa de simbolização em um *meeting of minds* (Tomasello, 1999) com o adulto” (p. 118). Outra nomeação para esse tipo de relação comunicativa pode ser reconhecida na expressão “joint attention” de Bruner (1975). O uso da indicação gestual evolui da indicação da presença do interlocutor, de si próprio, do objeto, do objeto com nomeação locativa, do objeto com nomeação nominal e chega a indicações abstratas. Nesse sentido, a “pointage” é uma atitude simbólica fundamentante da habilidade comunicativa e linguística. A autora comenta que o uso desse mecanismo tem diferenças quando se tratar de uma criança surda.

d) dêixis infantil e vocalização: os dados coletados apontam para a tendência de haver maior incidência gestos indicativos serem acompanhados por sons. Poucos são os gestos indicativos infantis que não são acompanhados por sons que ora expressam a demanda pela presença da mãe ou do pai; ora indicam um dado objeto e, por outras vezes, são expressões reativas quanto a presença do objeto.

e) construção da predicação: a autora reconhece nas holofrases as primeiras

formas de predicação. Desde as pesquisas de Preyer (1880), assinala, já se falava em algo como isso. Em Pelsma (1914), lê-se que “as primeira expressões da criança deveriam ser chamadas de palavras-sentenças (em inglês: *sentence words*) mais do que partes da fala” (p. 151). Pensar que uma holofrase é uma construção parece paradoxal. Para a autora, portanto, para compreender a construção da predicação infantil deve levar em conta o aporte dialógico na qual esta ocorre.

f) variações morfológicas: segundo as pesquisas da autora, entre 1;08 e 2;05 ocorre um aumento nas variações das formas verbais. Nesse período, passa-se de um único verbo com duas variações computadas para nove verbos com várias formas de variação.

g) os determinantes: o estudo acompanha a evolução do uso dos determinantes de acordo com as seguintes três funções: (i) indica a existência de um item específico; (ii) indica a individualização de entes conhecidos e (iii) o uso designativo de categorias (cf. Clark, 2003). Junto a uma das crianças investigadas, nota-se que os primeiros usos de determinante ocorrem sob a forma definida a partir de 1;10 e com expressivo crescimento a partir de 2;04. O uso da forma indefinida se mostra hesitante.

h) o uso das preposições: através de comparação com dados coletados junto a crianças anglófonas, a pesquisa reconhece haver maior uso de formas gramaticais entre os jovens falantes franceses do que americanos. Em seguida, faz estudo detalhado sobre o uso de uma preposição específica “para” (em francês: *pour*).

O livro é bom, porque traz uma interessante cronologia das etapas da pesquisa sobre aquisição linguística – com os respectivos conceitos e particularidades –, associando-a a estudos empíricos contemporâneos. Creio ser uma valiosa indicação de leitura para aqueles que desenvolvem pesquisa sobre o processo de aquisição e amadurecimento da L₁.